

7. CONSEQUÊNCIAS PSICOPATOLÓGICAS DO TRAUMA PRECOCE

*Era um homem muito estranho
Vivia sozinho, dentro de sua casa
Dentro de seu quarto, dentro de si mesmo
Não tinha amigos, mal falava
E ninguém, por sua vez falava com ele
“Porque não era simpático e não se preocupava em
sê-lo”
E não era como os outros
Morreu no sábado passado
Abriu o gás e foi dormir
Com as janelas fechadas, de modo que nunca mais
acordou
Em seu mundo silencioso e em seu minúsculo quarto
E todos diziam: “Que pena que tenha morrido”
Mas não era um homem muito estranho?*

Simon e Garfunkel

7.1 O TRANSTORNO DE PERSONALIDADE ESQUIZOIDE COMO CONSEQUÊNCIA DO TRAUMA PRECOCE

Uma das consequências observáveis da atuação do sistema de autocuidado é o transtorno de personalidade esquizoide. Neste caso, Kalsched (2013) sinaliza que os indivíduos descritos com esquizoides sofreram traumas na primeira infância provocados por cuidadores emocionalmente insensíveis as necessidades infantis, muitas vezes negligentes e distantes, alimentando a sensação da criança de que as relações interpessoais não são gratificantes. Não raro, estas experiências impulsionam a criança para o seu mundo interior, sendo com frequência o habitat do universo infantil, rico em fantasia, no entanto apresentando um aspecto triste e melancólico.

Ao relatar sobre este mundo de fantasias, Kalsched (2013) ressalta que se trata do vestígio da experiência infantil que um dia foi mágica e confortante e que não cresceu com o restante do indivíduo. O autor identifica que, internamente, ocorre uma cisão no ego, e complementa sua observação sinalizando que ocorre uma cisão correspondente no espaço de grande potencial onde a personalidade está viva. Este espaço transicional, entre a realidade e a ilusão, é o lugar onde a criança aprende a brincar e a usar os símbolos. No entanto, a repetida exposição a ansiedade traumática elimina a atividade simbólica com a exclusão da possibilidade de existência deste espaço transicional. A imaginação criativa

é substituída pelo fantasiar e, de acordo com o autor, quando isso acontece ocorre uma regressão a unidade que substitui o trabalho de diferenciação necessário para a totalidade. Contudo, não é uma regressão a serviço do desenvolvimento do ego, e sim uma regressão que tem a finalidade de entrar em um estado crepuscular auto hipnótico com o objetivo de garantir a sobrevivência de si-mesmo. Estes pacientes utilizam-se da auto hipnose como uma defesa contra a ansiedade insuportável, tornando-se especialistas em hipnotizar a si mesmos.

Fantasiar envolve um estado dissociado que não equivale nem a imaginar nem a viver em uma realidade externa, mas a um tipo de meio-termo auto confortante melancólico que continua para sempre, uma utilização defensiva da imaginação com o objetivo de evitar a ansiedade. [...] Esse auto confortamento na realidade corresponde a um transe auto hipnótico – uma contracorrente inconsciente de não diferenciação para escapar do sentimento constante. (KALSCHED, 2013, p. 72)

Como consequência será formada uma estrutura na psique que é ao mesmo tempo adulta e infantil, onde o espírito pessoal preservado se torna vulnerável e não deseja sair de sua prisão confortável, entrar no corpo e emergir no mundo. Tornam-se pessoas vulneráveis, inexperientes, carentes e infantis por um lado e esnobes, cheias de si, arrogantes e donas da verdade de outro.

7.1.1 CONSIDERAÇÕES GERAIS SOBRE O TRANSTORNO DE PERSONALIDADE ESQUIZOIDE

É possível encontrar com facilidade, principalmente nos manuais que definem os transtornos de personalidade, a descrição, avaliação e tratamento para as pessoas que sofrem com o transtorno de personalidade esquizoide. Em Caballo (2011) encontramos um breve histórico com relação ao conceito de personalidade esquizoide. Uma das primeiras descrições encontradas foi a de Hoch (1909, apud Caballo 2011) no seu trabalho *Constitutional factors in the dementia praecox group*, que a definiu como uma personalidade fechada em si mesma, precedendo o desenvolvimento de uma demência precoce. Inclui sintomas de silêncio, rigidez, isolamento e obstinação, apresentando uma tendência a viver em um mundo fantasioso. No entanto o primeiro autor a utilizar o termo

esquizoide foi Bleuler (1924, apud Caballo, 2011) no seu trabalho *Textbook of Psychiatry*. Ele utilizou este termo para identificar os indivíduos fechados em si-mesmos, desconfiados, incapazes de participar de uma discussão ou expressar suas emoções, aparentando estar acomodados em sua monotonia e tédio. O conceito esquizoide de Bleuler ilustrava uma categoria não psicótica, descrevendo apenas a expressão externa dos indivíduos que centravam sua atenção em sua própria vida interna, distanciando-se do mundo exterior. Por outro lado, Kretschmer (1925, apud Caballo, 2011) em seu trabalho *Physique and character* relacionou uma teoria do comportamento relacionada a psicose, definindo o termo esquizoide como sendo relacionado a personalidade patológica desenvolvida em famílias de indivíduos com esquizofrenia. Entre outras características já citadas, Kretschmer deu ênfase as escassas relações sociais e as experiências pouco realistas considerando que o esquizoide pode construir um mundo autista que se torne o núcleo de sua existência.

De acordo com as pesquisas de Caballo (2011), quando o transtorno de personalidade esquizoide foi incluído no DSM – II os critérios de identificação incluíam excentricidade, timidez, hipersensibilidade, isolamento e evitação das relações íntimas. Em Sadock (2011) encontramos que o diagnóstico é apropriado a pacientes que exibem um padrão de reclusão social durante toda a vida, sendo notáveis seu desconforto com as relações humanas, seu afeto embotado e sua introversão. Este autor destaca que estatisticamente cerca de 7,5% da população é afetada por este transtorno com uma relação de 2 para 1 de homens para mulheres.

As características clínicas observáveis do transtorno da personalidade esquizoide e encontradas no DSM - IV e nos manuais de psiquiatria são entre eles: a aparência de serem frios e distantes; não demonstram interesse e participação nos acontecimentos cotidianos e em preocupações com os outros, são pouco sociáveis e apresentam falta de necessidade de elos emocionais, entretanto exercem seu afeto com os cuidados aos animais. Muitas vezes conseguem êxito em trabalhos solitários e não competitivos. Ao longo da vida revelam uma incapacidade de manifestar raiva de forma direta e podem apresentar grande interesse em áreas que apresentam pouco conteúdo humano, como astrologia e matemática entre outros. Em particular, assuntos que não necessitem de seu envolvimento pessoal costumam lhe interessar. Sadock (2011) considera que mesmo que estes pacientes pareçam auto absorvidos e perdidos em devaneios, eles apresentam uma capacidade normal de reconhecer a realidade, no entanto uma vez que a agressividade

não é manifestada em seus atos, a maioria das ameaças sentidas por esta pessoa são manejadas com uma onipotência fantasiada ou com resignação.

As descrições encontradas em manuais de psiquiatria e de estudos dos transtornos de personalidade apresentam a o transtorno de personalidade esquizoide sob o ponto de vista do observador. Todos os referenciais teóricos sobre como avaliar e diagnosticar este transtorno tem em comum a definição deste quadro: trata-se de um estilo de personalidade associal, que não precisa de ninguém; que se mantém isolado durante a maior parte de sua vida, não apresentando sentimentos e interesse pelos outros. Apresentam dificuldade para interpretar e compreender sentimentos e sinais emocionais de outras pessoas e de si mesmo. São bons trabalhadores, embora não sirvam para trabalho em equipe nem para relacionamento com o público. Sob o ponto do indivíduo que sofre temos as contribuições de Kalsched e de Laing.

7.1.2 O EU DIVIDIDO E A FENOMENOLOGIA ESQUIZOIDE

Ronald D. Laing foi um psiquiatra e psicanalista escocês, preocupado desde o início do seu trabalho em como disponibilizar um tratamento adequado às pessoas diagnosticadas como psicóticas. Para este autor o paciente tem de ser tratado como uma pessoa e não como um conjunto de sintomas. Em Laing (1991) encontramos uma definição que colabora com o trabalho realizado por Kalsched na análise de seus pacientes. Em seu trabalho, Laing procura fazer uma apresentação e descrição das pessoas com transtorno de personalidade esquizoide a partir da fenomenologia existencial, caracterizando a natureza da experiência da pessoa com seu mundo e consigo mesma, procurando demonstrar que a psicose tem um significado existencial e representa uma última tentativa do indivíduo construir um significado para a sua existência. Em sua obra Laing procurou compreender o sentido para a loucura, contextualizando socialmente o fenômeno da psicose. Ao seu ver, os comportamentos mais estranhos e bizarros seriam compreensíveis, sob o ponto de vista do indivíduo perturbado, mas para perceber e compreender isso será preciso dar voz aos pacientes para que eles possam regressar as suas experiências contextualizando-os na sua existência.

Sob esta ótica o autor define que o termo esquizoide se refere a uma forma particular de tragédia humana onde o indivíduo vive a totalidade de suas experiências divididas em dois principais sentidos. O primeiro é a ocorrência de uma ruptura de seu relacionamento com o mundo e o segundo é uma ruptura na relação consigo mesmo. Devido a estas rupturas a pessoa torna-se incapaz de sentir-se junto com os outros ou a vontade no mundo, experimentando uma esmagadora solidão e isolamento. Além deste fato o autor acrescenta que a pessoa não se sente completa, mas sim dividida de diversas maneiras, e entre elas está a relação com seu corpo que ocorre como se sua mente estivesse ligada a ele por um tênue fio.

Ao explorar de forma mais precisa a natureza da fenomenologia esquizoide, Laing destaca que as pessoas consideradas normais, de uma forma geral, tem o senso de sua presença no mundo como uma pessoa viva, completa e contínua, por isso pode viver no mundo e encontrar seus semelhantes igualmente vivos, completos e contínuos. Esta seria a descrição de uma pessoa ontologicamente segura, que enfrentará os riscos da vida com um firme senso da sua realidade e identidade. No entanto, as pessoas que são consideradas esquizoide apresentam uma ausência parcial ou total desta segurança ontológica, tendo que enfrentar constantemente ansiedades e perigos, vivendo sem sentir-se vivo. Sobre a pessoa ontologicamente insegura Laing declara que ocorre uma percepção fragmentada do seu *self*¹ provocando o questionamento em três níveis: sobre a sua existência, sobre a sua essência e sobre a sua identidade. O autor acrescenta que este indivíduo ontologicamente inseguro começa a distanciar o seu ser dos outros, e o seu ser de si mesmo. O resultado desta divisão é a formação de um falso *self* que fica vinculado a atuação do corpo, e o *self* verdadeiro que fica localizado na mente invisível e fantasiosa.

Ao desenvolver seu pensamento sobre o princípio deste transtorno Laing regressa ao nascimento biológico. O autor afirma que em circunstâncias normais o nascimento de uma criança inaugura processos progressivos que fazem com que ela se sinta real e viva, promovendo o nascimento existencial como um ser real e vivo. No entanto, para alguns isso não ocorre assim. As circunstâncias traumáticas da vida fazem com que o indivíduo se sinta mais irreal do que real. Para Laing esta sensação é descrita nos relatos clínicos destes pacientes que se dizem sentir como se estivessem mais mortos do que vivos. O indivíduo está precariamente diferenciado do restante do mundo, de tal forma que sua

¹ *self* para Laing

identidade e autonomia são sempre colocadas em dúvida. Falta a experiência de sua própria continuidade temporal, como também o senso de consistência e coesão pessoal. A percepção de si próprio é insubstancial sendo incapaz de aceitar que aquilo que o constitui é valioso e bom, tendo o seu eu parcialmente divorciado do corpo.

O indivíduo com essa experiência de si próprio não se sente seguro em si mesmo, portanto não se sentirá seguro no mundo e a sua maior preocupação nas relações será a de se preservar mais do que se gratificar, já que as situações da vida afetarão seu baixo limiar de segurança pessoal.

Se o indivíduo não pode aceitar sem questionar a identidade real, viva, autônoma de si mesmo e dos outros, então terá que se absorver na busca de meios para tentar ser real, ou manter a si mesmo e aos outros com vida, preservar com esforço a sua identidade, conforme ele dirá com frequência, para impedir a perda do próprio *self*. (LAING, 1991, p. 45)

A pessoa ontologicamente insegura enfrenta três tipos de ansiedade, identificadas por Laing, que ameaçam a sua dissolução e a aproxima do perigo da inexistência, sendo denominadas de absorção, implosão e petrificação.

A pessoa que sofre com o transtorno de personalidade esquizoide possui um senso de identidade autônoma muito frágil, por isso ela teme o relacionamento com as outras pessoas, com o mundo ou consigo mesmo. A incerteza relativa à estabilidade de sua autonomia a deixa vulnerável a ponto de correr o risco de perder o mínimo que conseguiu estabelecer em relação a sua precária identidade. Uma das formas de perder esta autonomia é sentida pela sensação de absorção. Ser absorvido é ser compreendido, envolvido e incluído, e ocorre com a possibilidade de ser amado ou simplesmente ser visto. Ser odiado também oferece riscos, mas é percebido pelo indivíduo como menos perturbador do que ser destruído por ser amado. Sua manobra principal é se utilizar do isolamento e completa solidão, desta forma impede que os outros o entendam corretamente e isso significaria ser engolido a ponto de deixar de existir. Ao mesmo tempo que esta situação é temida e evitada a todo esforço, é também desejada, procurada e necessária ao seu desenvolvimento. Este tipo de ansiedade explica as reações terapêuticas negativas, já tratadas neste trabalho. Ser compreendido corretamente é ser absorvido, cerceado, devorado, comido, sufocado, abafado pelo que se supõe ser a compreensão da outra pessoa. Para estas pessoas não ser compreendido é penoso e causa

constrangimento, mas ao mesmo tempo é um alívio por continuar em segurança no seu isolamento.

A implosão é um outro tipo de ansiedade sentida pela pessoa que sofre com esta condição existencial. A pessoa sente-se como um vácuo, completamente vazia, e embora sinta a necessidade de preencher este vazio, teme essa possibilidade por achar que ele só pode ser este vazio existencial. O vazio que teme é a sua própria substância e a sua identidade é estabelecida neste vazio. Por isso o contato com a realidade é implosivo e invasivo ameaçando novamente a sua frágil identidade e ao que ele supõe possuir.

Laing finaliza com a ansiedade provocada pela petrificação e a despersonalização, onde ocorre o medo de ser transformado em pedra, ou em uma coisa sem subjetividade, uma consequência defensiva deste estado do ser. Costuma ser experimentado quando a pessoa se sente como que tomada pelo outro e tratada sem autonomia e tem os seus sentimentos ignorados, sendo assassinado dentro de si mesmo. A despersonalização é um manejo universalmente usado como meio de lidar com o outro quando ele se torna demasiadamente cansativo ou perturbador. Utilizada em alguns momentos da vida diária é considerada normal e algumas vezes desejável. Mas, no caso das pessoas consideradas esquizoides está é uma prática frequente, elas estão dispostas a tratar as outras pessoas como se elas não tivessem sentimentos, evitando assim serem absorvidos. Ao mesmo tempo que elas despersonalizam as pessoas, ao mesmo tempo também se sentem despersonalizadas como uma defesa ao temor de serem despersonalizadas por elas. Por isso transformam a pessoa em um objeto, uma coisa petrificada. Sua lógica interna consiste em tratar o outro como objeto para garantir o mínimo de autonomia e evitar ser tratada como objeto pelas pessoas, garantindo que antes de ser petrificado e transformado em objeto, transforma o outro em objeto.

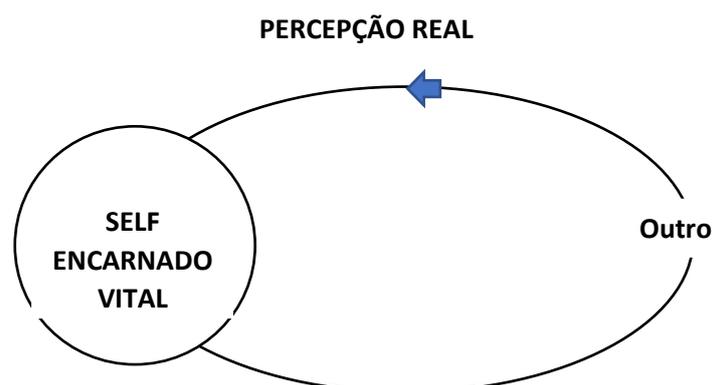
Ao mesmo tempo, contudo, transformava a outra pessoa numa coisa aos próprios olhos, anulando assim por magia qualquer perigo para si mesmo e secretamente desarmando de maneira total o inimigo. Destruindo, aos seus próprios olhos, o outro como pessoa roubava-lhe o poder de aniquilá-lo. Esvaziando-o de vida, isto é, vendo-o como uma peça de maquinaria em lugar de um ser humano, anulava o risco de que essa vida o invadisse, mergulhando no vazio, ou o transformasse num simples apêndice. (LAING, 1991, p. 52)

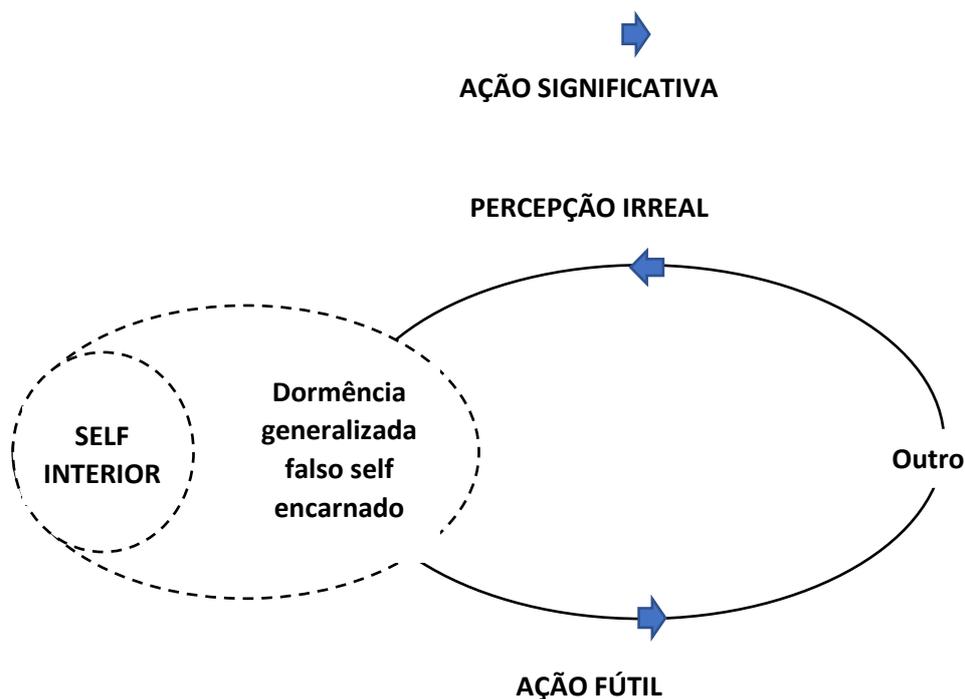
Faz parte do processo de desenvolvimento psíquico os movimentos de diferenciação e identificação para a formação de um ego saudável e de uma identidade

consistente e estável. Se a pessoa não se sente autônoma, não conseguirá vivenciar de forma comum nem a sua separação das pessoas e do mundo, e nem o seu relacionamento consigo mesmo e com as outras pessoas. A falta de senso de autonomia faz com que ela se sinta ligada ao outro e o outro ligado a ela e o total desligamento e isolamento são considerados a única alternativa de relacionamento. Torna-se um fracasso viver, estar no mundo e existir sozinho. Sua vida é uma tragédia humana, pois precisa dos outros para proporcionar a sua existência ao mesmo tempo que existe um pavor de que lhes roubem a existência. Estas duas atitudes coexistem e são características do conflito existencial no interior do indivíduo que vive esta cisão.

A ausência da segurança ontológica básica provoca todos estes tipos de ansiedade já mencionadas e descritas por Laing, mas a vida precisa continuar e ser vivida. Como tais pessoas precisam lidar com esta insegurança, seus conflitos interiores provocam uma cisão entre mente e corpo. Para alguns casos este será um meio mais eficaz de evitar que a ansiedade se torne insuportável, no entanto não permite que a pessoa tenha o senso de possuir uma unidade básica que resiste mesmo que ocorram conflitos de ordem externa ou interna. Sua vida não é absorvida pelo corpo, sentindo-se dele em parte desligado. Laing afirma que pessoas com este transtorno nunca se tornaram totalmente encarnadas. Para o autor “o indivíduo sente seu próprio *self* mais ou menos desligado do corpo. Seu corpo é sentido mais como um objeto entre outros objetos no mundo, do que como cerne do ser do indivíduo.” (Laing, 1991, p.73)

Esta separação entre *self* e corpo priva o *self*, que se encontra desencarnado, de qualquer participação ativa na vida do mundo que são percebidas exclusivamente por percepções corpóreas. O *self* passa a contemplar tudo o que o corpo faz, não se envolvendo em nada diretamente. Suas funções passam a ser a observação, o controle e a crítica em relação ao que o corpo sente e faz, com operações puramente mentais e tornando-se hiper consciente. Laing propõe o seguinte diagrama para representar esquematicamente o estado interno do esquizoide. (Laing, 1991, p.87)





O *self* é colocado em segurança e, este desligamento do *self* impede que ele se revele pelas ações e expressões do indivíduo. Laing destaca que a pessoa cria um falso *self* ligado ao corpo para interagir com o mundo e com as pessoas. Cria uma falsa personalidade, muitas vezes teatral e desligada do seu verdadeiro *self*. O autor descreve esta relação,

É conveniente chamar a essa personalidade de falso-*self*, ou sistema de falso-*self*. A razão pela qual sugiro que se fale de um sistema de falso-*self* é que a personalidade, falso-*self*, máscara, aparência ou personificação usada por tais indivíduos é um amálgama de diversas partes do *self*, nenhuma das quais é plenamente desenvolvida a ponto de possuir uma personalidade compreensiva própria. (LAING, 1991, p. 78)

O falso-*self* constitui uma parte dissociada que se tornou autônoma com ações progressivamente fraudulentas e fúteis, completamente desligado do *self* que ficou restrito a atividade mental estando constantemente desencarnado. O *self* critica todas as atuações do falso-*self*, estabelecendo um diálogo contínuo entre as partes desta cisão. A pessoa sente-se sempre criticada pelo seu eu interno fazendo com que se sinta cada vez mais insegura nas relações consigo mesma e com o mundo.

O indivíduo esquizoide sente-se vulnerável ao olhar de outra pessoa, e essa vulnerabilidade expõe a sua frágil estrutura. Para evitar temporariamente esta ansiedade

de ser visto ele utiliza dois métodos, ou petrifica a pessoa com a despersonalização, como já vimos anteriormente, ou ativa a indiferença. Estas não são atitudes idênticas, na despersonalização a pessoa pode ser usada, manipulada, manobrada pois torna-se um objeto. Na indiferença a pessoa ou objeto é tratado com negligência, frieza, como se não tivesse importância ou simplesmente não existisse. Toda essa manobra defensiva nas relações tem como objetivo principal proteger uma estrutura muito frágil do seu ser e principalmente proteger o seu *self*, ou espírito humano com tratou Kalsched.

Na condição esquizoide a cisão entre *self* e corpo é considerada por Laing como permanente. A experiência física está desconectada do seu verdadeiro *self* que é sentido como desencarnado. Suas ações são consideradas parte do sistema denominado por Laing de falso-*self*. Estados temporários de dissociação entre o corpo e o *self* ocorrem na maioria das pessoas quando enfrentam experiências ameaçadoras no qual não existe escapatória física. Este é um recurso normal de retraimento psíquico para dentro de si mesmo, ou fora do corpo. A pessoa costuma relatar sentimentos de alienação e irrealidade, agindo de forma independente e automaticamente enquanto o corpo continua agir externamente de maneira normal. Nas pessoas esquizoides esta não é uma simples reação temporária, pelo contrário, constitui a orientação básica de vida que pode ser originada nos primeiros meses de vida. Então, o indivíduo cujo modo de estar no mundo está assim dividido, vive naquilo que para ele é um mundo de ameaça por todos os lados do qual não há saída, sendo considerado como uma prisão sem grades. A pessoa sente-se perseguida pela própria realidade, o mundo da forma que é e as pessoas que o habitam representam constantes ameaças.

De acordo com Laing, esta cisão no *self* original forma o sistema constituído pelo “falso *self*” e pelo “verdadeiro *self*”. Desta forma o *self* torna-se imaterial para transcender o mundo e colocar-se em segurança, e este desligamento significa que ele nunca se revela diretamente pelas expressões e ações do indivíduo nem sente qualquer coisa de maneira espontânea e imediata. A relação do indivíduo com o mundo ocorre através da constituição de um sistema parcialmente dissociado do *self*, cujas consequências principais são a irrealidade das percepções, a falsidade e a ausência de sentido de todas as atividades.

Temos aqui as sementes de cisão secundária dentro do *self*. Estando o ser do indivíduo dividido entre “verdadeiro” e “falso” *self*, os dois perdem a sua

realidade, como já observamos, mas também se dividem, por sua vez, em subsistemas dentro de si mesmos. Assim, no relacionamento do *self* consigo mesmo encontra-se uma segunda dualidade, onde o *self* interior se divide para formar um relacionamento sadomasoquista consigo mesmo. (LAING, 1991, p.89)

Nestes indivíduos o temor é constante e não é abrandado pelo amor. Seu mundo é assustador, teme ser invadido e que qualquer invasão seja total, implosiva, penetrante e fragmentadora. Teme sair de si mesmo e perder-se em qualquer experiência já que está esvaziado, exaurido, despojado, roubado, sugado. A necessidade de estar no controle tem como consequência este isolamento vivenciado pelo *self*. Prefere roubar a receber, prefere dar a que lhe roubem qualquer coisa, precisa controlar quem ou o que nele penetra e quem ou o que dele sai. O *self* para manter este isolamento não se entrega a relacionamentos criativos, preocupando-se apenas com fantasias, pensamentos e lembranças. Na fantasia o *self* pode ser qualquer pessoa, qualquer lugar e tudo possuir. Somente na fantasia o *self* torna-se onipotente e livre, pois em contato com a realidade sofre agonias e humilhação.

Enquanto isso, o falso *self* do esquizoide torna-se uma parte autônoma, que se rende compulsivamente à vontade e expectativa do outro, ou o que imagina serem tais intenções e expectativas, apresenta-se descontrolado e é sentido como um estranho. Falta realidade, sentido e propósito para permear suas percepções, pensamentos, sentimentos e ações provocando um entorpecimento geral como consequência desta dinâmica básica.

Para contribuir com esta vida trágica, Laing aponta para a característica de autoconsciência das pessoas esquizoides. Esta situação sugere um constrangimento contínuo através da percepção de si mesmo e da sua condição, e a percepção de si mesmo como objeto da observação de outra pessoa. O indivíduo esquizoide é perturbado com a percepção de natureza compulsiva dos seus próprios processos e igualmente pela natureza compulsiva do senso de que seu corpo é um objeto no mundo para os outros. A sensação de estar sendo sempre observado e analisado pelas pessoas, especialmente no seu comportamento corporal, é agravada pela preocupação de que a sua mente seja penetrável e vulnerável, sentindo que as pessoas podem ver através de sua mente ou sua alma. O indivíduo nesta condição acaba julgando ser objeto de interesse de outras pessoas mais do que na verdade acontece.

7.1.3 O CASO VALENTIN E A DEFESA ESQUIZOIDE

Este pequeno recorte clínico não tem a pretensão de apresentar o trauma que envolve o paciente, pois trata-se de um caso com pouco mais de três meses de acompanhamento. O objetivo deste recorte é apresentar a dinâmica defensiva que ocorre em pessoas com transtorno de personalidade esquizoide e a atuação do sistema de autocuidado.

Valentin é um rapaz de 22 anos que sofre desde a infância com ansiedade, depressão, síndrome do pânico e transtorno obsessivo compulsivo. Busca a psicoterapia junguiana, através da indicação de um amigo que pratica meditação, e encontra em pesquisas na internet a possibilidade de participar do atendimento realizado pela clínica acessível do Instituto Junguiano do Rio de Janeiro. Em sua jornada de tratamentos psicológicos já esteve em acompanhamento com quatro psicólogos de diversas abordagens e o último, em especial, tinha a abordagem teórica fundamentada na psicanálise. Valentin não se adaptou ao método psicanalítico. Para ele falar sem olhar para o psicólogo e deixar os assuntos surgirem espontaneamente, sem uma direção de conversa, o deixava mais confuso do que a confusão já existente em seu mundo interior.

Ao falar um pouco mais de como se sente no momento e de como está a sua vida cotidiana Valentin descreve imediatamente questões que envolvem o seu mundo íntimo. Como um observador atento, apresenta grande facilidade em descrever como é o seu funcionamento interno, apesar de acrescentar que não tem sentimentos e emoções.

Em primeiro lugar descreve que percebe uma insegurança constante em estar no mundo, tem medo das pessoas, pois nunca sabe como elas podem reagir, pensar ou falar. Sente uma irritação contínua e muita raiva sem um motivo aparente. Descreve esta irritação como se estivesse sendo espetado com uma agulha o tempo todo. Não apresenta interesse por nada e por ninguém e percebe que isso o faz ser diferente das outras pessoas. Sente-se sem ar mental como se algo estivesse o sufocando constantemente e a prática da meditação o ajuda a aliviar essa sensação diária. Usa também o vídeo game para diminuir a pressão de seus pensamentos contínuos que o deixam cansado e sem energia para mais nada. Sente-se entorpecido, como se estivesse bêbado

Convive com uma constante ameaça que não sabe muito bem o que é e de onde vem. Para ele é como se fosse um fantasma o assombrando e impedindo de descansar. Tem muitos sonhos terríveis e ao acordar é inundado de pensamentos, tornando difícil o

seu despertar e levantar da cama. Em muitos momentos, ao acordar experimenta a desagradável sensação da paralisia do sono. Não se sabe se está acordado e não consegue se mexer, ou se está dormindo e pensa que já acordou. Sente-se muitas vezes preso no sonho e tem dúvidas se ainda está vivendo a experiência do sonho ou se já está na vida real.

A percepção que tem da sua mente é que ela o ataca o dia todo, sendo impossível sair de casa assim ou se relacionar com alguém. Teme que as pessoas percebam a sua confusão e desconforto interno. Mas, antes de continuar a sessão ele diz que precisa me contar uma experiência para saber como eu lidarei com a sua informação. Neste momento tive a impressão que passaria por um teste de confiança, e dependendo da minha reação ele prosseguiria ou não o acompanhamento psicológico.

Valentin relata a seguinte experiência, inicia dizendo que normalmente sente-se muito cheio, como se tivesse muitos pensamentos e sentimentos, mas em uma determinada ocasião sentiu isso de forma mais intensa do que é capaz de suportar. Acrescenta que normalmente está sempre muito irritado sem motivo. Sua irritação estava em um nível extremo e se alguém se aproximasse naquele momento provavelmente seria xingado por todos os palavrões que ele conhece.

Diante desta situação insuportável decidiu sair de casa e passear com seus dois cachorrinhos no jardim da vila em que mora. Começou a perceber seus pensamentos com muita clareza, eram pensamentos raivosos, memórias de pessoas falando coisas incompreensíveis e aquilo tudo estava muito pesado e intolerável.

Enquanto ele estava no jardim começou a ficar desesperado, como se tudo aquilo o estivesse afogando, deixando sem oxigênio dentro da própria mente. Naquele momento ele tentou se voltar para a meditação, observar o corpo, a terra, o chão, os animais, os pés para tirar um pouco a atenção daquele incômodo. Sentia como se sua cabeça estivesse pegando fogo, uma grande guerra como se fosse enlouquecer.

Enquanto ele colocava a atenção no ambiente, subitamente, toda aquela sensação passou e ele sentiu todo o incômodo escorregando para fora da sua cabeça. Para ele foi uma sensação real, sentiu tudo saindo de sua mente e indo para algum lugar gerando um grande alívio. Logo depois desse alívio, que para ele já era suficiente pois sentia-se muito raivoso, sentiu um ganho de energia. Para Valentin era como se a sua energia estivesse bloqueada e a partir daquela experiência toda energia, que ele nem lembrava que tinha, tivesse voltado. Sentiu-se disposto para fazer qualquer coisa. Ele afirma que a sensação

era de sentir-se revigorado. Enquanto ele se dirigia para dentro de casa ele sentia uma sensação que definiu com a seguinte frase: "Era eu mesmo, como se estivesse brotando bem distante de mim, era como se fosse quem eu sou de verdade".

Essa sensação trouxe segurança que definiu como se antes ele estivesse no meio de uma bagunça. Mas ele não sente que seja uma bagunça agora, parece que tudo se arrumou. Ele afirma que sente a presença "dele mesmo", identificando esta experiência como uma dualidade, já que estas duas situações o compõe. Valentin descreve que ficou confuso, mas ao mesmo tempo muito seguro com aquela sensação de existência. "Aquela sensação era verdadeira, como se eu fosse falso."

Ao viver esta experiência no jardim, sentiu uma terceira mão mental muito real. Visualizou e sentiu essa mão em sua cabeça e os pensamentos puderam sair por ela. Sentiu que era sua responsabilidade pois a mão era dele, e manifesta uma alegria pelo alívio ao mesmo tempo que sente falta de tudo aquilo que estava saindo dele. Valentin diz; "Parecia que eu estava me tornando aquilo, mas com uma certa dificuldade, uma certa confusão."

Voltou para casa com a intenção de se observar e ver tudo que estava acontecendo dentro de si mesmo. Geralmente quando ele está dentro de casa sente uma constante agonia, um desconforto generalizado e por isso procura algo que sinta prazer, como comer algo, deitar ou jogar vídeo game. Mas, nesta experiência, ao entrar em casa não sentiu necessidade de prazer externo, sentia-se tão preenchido e com tanta energia que se voltou para a louça suja, algo que não obtém prazer, e começou a lavar e limpar. Sentia que estava preenchido e precisava usar aquela energia disponível. A mãe chegou e o encontrou lavando a louça. Lavou a louça com muita atenção e destreza, coisa que não acontece normalmente. Aquela sensação de "eu mesmo" foi passando e ele foi perdendo a energia e a destreza sentindo-se um primata a lavar a louça. Ficou pensando o que ele teria feito de errado para tudo sumir. A partir deste momento veio a sensação de vulnerabilidade, de estar desnudo diante do maracanã lotado. Esta experiência ocorreu a um mês atrás e foi relato nos dez minutos iniciais da primeira sessão. Ao finalizar perguntou-me o que achava de tudo aquilo que ele relatou.

Naquele momento meus estudos sobre o trauma precoce e as defesas arquetípicas já estavam avançados e pude relacionar o que Valentin relatou com os conceitos estudados. Valentin, nessa experiência, entra em contato com o seu núcleo pessoal que está preservado e encapsulado para ser poupado de situações traumáticas. Ele produziu um falso self para estar no mundo e deixou o seu espírito pessoal, sua fonte de vida e energia bem guardado. Por isso respondi que ele havia entrado em contato com seu núcleo

de renovação de vida e que esta experiência confirmava que ele ainda estava lá, bem guardado. Essa resposta foi suficiente para Valentin dar continuidade a psicoterapia. Ele sentiu-se visto e compreendido por sua experiência, que não foi rejeitada nem criticada.

Em suas sessões, ele entrava sempre com muita facilidade nas descrições do seu mundo interno, mas quando perguntado como havia se sentido nesta ou naquela situação ficava sem resposta. Depois de algum tempo respondia, eu não tenho acesso a isso que você me pergunta. Em suas observações relata a morte de seu cachorrinho que o acompanhou na infância até os vinte anos de idade e se surpreende por até hoje não conseguir sentir nada.

A sua relação com o corpo é mínima, pois prefere ficar na cabeça. Diz que quando consegue ir para o corpo sente uma dor tão grande que volta imediatamente para a cabeça. Criou uma imagem adequada para seu corpo estar no mundo e quando está na rua sente que incorpora esse homem idealizado. Certa vez percebeu a realidade de seu corpo franzino e frágil quando estava se preparando para ir à rua e desesperou-se. Não podia sair com aquela aparência, procurou então vestir-se com a imagem ideal para aquele momento. Quando precisa sair de casa sente grande ansiedade pelo medo de ser criticado pelas pessoas que ele encontrará no caminho. Ao andar sente uma desarticulação e descreve este fato como se não tivesse o comando do seu corpo e todos podem perceber, por isso prefere parar e esperar que as pessoas passem.

Essa é a sua tragédia de vida, Valentin apresenta um sofrimento contínuo e a previsão do seu acompanhamento será longo, mas esse acesso ao seu núcleo vital aponta para possibilidades de maior contato ao longo do tempo de acompanhamento analítico.

Será preciso destravar o seu sistema defensivo, mas isso acarretará um grande sofrimento ao reviver as emoções necessárias às transformações internas. Valentin precisará integrar emoção, cognição, afeto, sensação, memória e tudo mais que foi dissociado em algum momento traumático da sua vida. Nem sempre vamos chegar a conhecer o trauma, já que traumas precoces não são registrados na memória, mas ficam registradas no corpo e nas emoções. E a atuação característica do sistema de autocuidado oferece ao analista esta informação tão necessária para realizar este tratamento. Encontrar e cuidar dessa criança perdida ajudará Valentin a se sentir mais integrado e este será o foco do trabalho.

